



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

O mangue e seus entrelaçamentos de vida: maré, marisqueiras e mariscos (Matarandiba - BA)

Autoria: Renata Freitas Machado (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

De longe, desde o porto, posso avistá-las em posição agachada. Elas dão um outro colorido ao cinza da lama da maré vazia. Caminham de um lado ao outro, se agacham por um tempo e, em seguida, vão a um outro ponto, se agacham, cavam e esse movimento dura horas. Horas suficientes para que a maré, de maneira quase imperceptível, retome seu espaço e cubra essa lama já marcada pelos passos e pelos incessantes movimentos feitos pelas marisqueiras. As marcas de uma jornada de work. Compreendo mais de perto o movimento que elas fazem e a velocidade com que fazem. Escuto a fricção da faca sobre as cascas do marisco. Vejo os baldes quase cheios de mariscos que resultam de uma longa jornada. Esta breve descrição condensa a movimentação das mulheres marisqueiras na maré vazia. A mariscagem é uma atividade realizada por mulheres, no mangue ou na beira do mangue, entre as marés de enchente (preia-mar) e vazante (baixa-mar). Nas marés de vazante, as marisqueiras saem com panos enrolados na cabeça que dão o equilíbrio aos baldes. Elas retornam na maré de enchente, por volta de 6 horas depois. Ao chegar a casa, o work continua: este é o momento de escaldar o marisco no fogo a lenha e catar casca por casca com a ajuda das comadres, vizinhas, filhas e netas. Esta proposta trata da movimentação das mulheres marisqueiras entre a maré e a casa para realização das atividades de mariscagem na Vila de Matarandiba, Bahia. Refiro-



me à movimentação que envolve as mulheres no cotidiano da mariscagem que se associa à movimentação de mariscos e crustáceos relacionado à movimentação das águas. O contexto de pesquisa é a comunidade de Matarandiba, localizada no estuário do rio Jaguaripe, que desemboca no Oceano Atlântico, na Baía de Todos os Santos. A maioria da população se autodeclara negra, segundo dados do IBGE. Os habitantes da comunidade vivem da pesca e da coleta de marisco. Estas atividades são divididas de acordo com o gênero, de modo que os homens são responsáveis pela pesca e as mulheres pela mariscagem. Esta proposta é um desdobramento da pesquisa realizada no doutorado sobre a comunidade de Matarandiba e a sua relação com a morte, os mortos e a maré. A tese forneceu uma etnografia sobre as narrativas e práticas das marisqueiras e pescadores da Vila de Matarandiba. Mostrei que a profunda imbricação entre morte e vida repercute nas relações de parentesco, experiências e técnicas pesqueiras elaboradas pelas pessoas na comunidade.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: